

TRADUÇÕES POÉTICAS DE EPIGRAMAS ERÓTICOS GREGOS



LUIZ CARLOS ANDRÉ MANGIA SILVA

Resumo: Neste trabalho, apresentamos uma dúzia de epigramas eróticos gregos traduzidos para o português com critérios poéticos.

Abstract: In this paper, we present twelve erotic Greek epigrams translated into Portuguese with poetic criteria.

O principal resultado de nossa pesquisa atual é a versão dos 310 epigramas eróticos que compõem o Quinto Livro do vasto acervo da *Antologia Palatina* (cerca de 3.700 epigramas), utilizando critérios poéticos. Elegemos, repetindo o gesto bem sucedido de José Dejalma Dezotti em suas traduções de epigramas latinos, a quadra portuguesa – com versos de sete sílabas – como a estrofe e o metro adequados para a versão do dístico elegíaco grego. Pesa, nessa escolha, a percepção de que o prosaísmo da redondilha expressa bem o conteúdo dos poemas antigos, embora o metro elegíaco se preste a usos amiúde cultos e eruditos. Não procuramos criar rimas nas versões traduzidas (como Dezotti), senão ocasionalmente: em versos brancos, apenas tentamos explorar ao máximo as possibilidades rítmicas da redondilha. Destacamos, por exemplo, o andamento binário dos versos 2 e 4 do epigrama 95 ou do primeiro verso de 94 (acentos em 1, 3, 5 e 7): “Páfias duas, Musas dez”; “Musa, Graça, deusa Páfia”; “Tens, Melite, os olhos de Hera”.

Quanto aos textos selecionados, os epigramas 95 e 94 apresentam uma linguagem enumerativa, elaborada sobretudo com a repetição de sentenças nominais: em 95, não há nenhum verbo, mas predominantemente substantivos (nomes próprios); em 94, os hemistíquios de cada verso apresentam, no geral, relativa autonomia, cadenciando a enumeração, o que resultou em redondilhas de sintaxe independente na versão. Em 96 e 143, uma vez mais as orações possuem independência dentro dos hemistíquios, diferentemente dos epigramas 98 e 50, onde se faz uso do recurso do *enjambement*, característica mantida nas versões. Em 99, há um duplo sentido (o segundo naturalmente obsceno) tentado a partir da imagem de tanger cítara. Em 104, o eu-lírico expressa seu desejo pela cortesã Lisídice (literalmente, “a

que age com injustiça”) com eufemismo, mantido em português. Em 113, há duas expressões correntes no mundo antigo: Sosícrates (“o que conserva o poder”, sentido ironicamente explorado no contexto) perdeu sua riqueza e com ela a amante Menófila; por isso, no segundo verso, afirma-se que o remédio da fome é cessar o amor e, no último, que ninguém ama alguém sem posses; a fala da cortesã é uma fórmula usada por Homero para indagar sobre a origem de um herói. O leitor verá que preferimos expressões vernáculas correntes entre nós, nos dois primeiros casos, e reproduzimos o verso homérico conforme a tradução de Odorico Mendes na fala da cortesã. Em 127, outra vez uma expressão corrente, usada quando duas ou mais pessoas encontravam um objeto qualquer e se dispunham a dividi-lo: “Hermes comum”, diziam (isto é, este presente dado por Hermes nos seja comum). Utilizamos, na versão, também expressão vernácula. O epigrama 85 possui vocabulário e sintaxe simples e tematiza a efemeridade da vida e dos prazeres, tópica das mais frequentes na poesia erótica ocidental. Em 55, a imagem hípica, igualmente cultivada, anima o poema e a cortesã Dóris aparece como uma amazona que galopa rumo aos prazeres.

Por se tratar de antologia, os epigramas do Quinto Livro têm qualidade desigual, embora se possa afirmar que a grande parte deles possui luz própria. Além de focalizar certas questões tradutórias, nossa seleção primou por imagens recorrentes (ou mesmo obrigatórias) nos epigramas *eróticos* (isto é, cujo tema é o universo de Eros e Afrodite, evocado pelos epítetos Páfia e Cípria). São tópicos desses poemas, portanto, as imagens da guirlanda e da música, do arco e das setas do amor, das chamas do desejo, da venalidade da paixão, da hípica e da efemeridade da vida já mencionadas. Destaquemos os nomes de Marco Argentário (cerca de 30 a.C.) como um dos poetas mais interessantes, assim como Rufino, poeta do qual nada se conhece (teria vivido entre 200 e 400 d.C.) senão seus epigramas neste livro da *Palatina*; Asclepiades, Dioscórides e Meléagro são importantes nomes da época helênica (323-30 a.C.), esse último compilador de uma das antologias mais importantes da Antiguidade.

O texto grego adotado é o de Paton, sempre cotejado com as outras edições constantes da Bibliografia.

Epigrama 95, Anônimo

Τέσσαρες αἱ Χάριτες, Παφίαι δύο καὶ δέκα Μοῦσαι·
Δερκυλὶς ἐν πάσαις· Μοῦσα, Χάρις, Παφίη.

Quatro as Graças imortais,
Páfias duas, Musas dez.
Entre todas, eis Dercílis
- Musa, Graça, deusa Páfia.

Epigrama 94, Rufino

Ὅμματ' ἔχεις Ἥρης, Μελίτη, τὰς χεῖρας Ἀθήνης,
 τοὺς μαζοὺς Παφίης, τὰ σφυρὰ τῆς Θέτιδος.
 εὐδαίμων ὁ βλέπων σε, τρισόλβιος ὅστις ἀκούει,
 ἡμίθεος δ' ὁ φιλῶν, ἀθάνατος δ' ὁ γαμῶν.

Tens, Melite, os olhos de Hera,
 as mãos de Palas Atena,
 os seios da deusa Páfia,
 os tornozelos de Tétis.

E feliz é quem te vê,
 mais sortudo se te escuta,
 um semideus o que te ama,
 imortal se te desposa.

Epigrama 96, Meléagro

Ἴξὸν ἔχεις τὸ φίλημα, τὰ δ' ὄμματα, Τιμάριον, πῦρ·
 ἦν ἐσίδης, καίεις· ἦν δὲ θίγης, δέδεκας.

O teu beijo possui seiva,
 Timárion, teus olhos fogo -
 se lanças um olhar, queimas;
 se beijas, jamais desgrudas.

Epigrama 143, Meléagro

Ὁ στέφανος περὶ κρατὶ μαραίνεται Ἥλιοδώρας·
 αὐτὴ δ' ἐκλάμπει τοῦ στεφάνου στέφανος.

A guirlanda de Heliodora
 fenece por sobre a fronte.
 Ela, porém, resplandece,
 guirlanda de uma guirlanda.

Epigrama 98, ἌρQUIAS ou Anônimo

Ὡμίξει, Κύπρι, τόξα καὶ εἰς σκοπὸν ἤσυχος ἐλθὲ
 ἄλλον· ἐγὼ γὰρ ἔχω τραύματος οὐδὲ τόπον.

Arma-te com o arco, Cípria,
 e segue tranquila atrás
 de um outro alvo: feridas
 eu já não suportto mais.

Epigrama 50, Anônimo

Καὶ πενή και ἔρωσ δύο μοι κακά· και τὸ μὲν οἶσω
κούφως, πῦρ δὲ φέρειν Κύπριδος οὐ δύναμαι.

Pobreza e paixão: dois males
pra mim. Um vou suportar
com leveza, mas com o fogo
da deusa Cípria - não posso.

Epigrama 99, Anônimo

Ἦθελον, ὃ κιθαρωδέ, παραστάς, ὡς κιθαρίζεις,
τὴν ὑπάτην κρούσαι τὴν τε μέσην χαλάσαι.

Eu queria, oh citarista,
tocar assim como tocas:
e palhetar teu tom grave,
distender teu tom agudo.

Epigrama 104, Marco Argentário

Αἶρε τὰ δίκτυα ταῦτα, κακόσχολε, μηδ' ἐπίτηδες
ισχίον ἐρχομένη σύστρεφε, Λυσιδίκη.
οὐ σε περισφίγγει λεπτὸς στολιδώμασι πέπλος,
πάντα δέ σου βλέπεται γυμνὰ και οὐ βλέπεται.
εἰ τὸδε σοι χαρίεν καταφαίνεται, αὐτὸς ὁμοίως
ὄρθον ἔχων βύσσῳ τοῦτο περισκεπάσω.

Abandona as tuas redes,
maliciosa Lisídice,
e não meneies as ancas
ao andar, para exhibir-se.

O teu diáfano peplo
não te encerra nas costuras:
ora mostr' ora não mostra
tua forma toda nua.

Se te parece engraçado
isso tudo, também eu
hei-de envolver com um véu
o que em mim enrijeceu.

Epigrama 113, Marco Argentário

Ἡράσθης πλουτῶν, Σωσίκρατες, ἀλλὰ πένης ὦν
 οὐκέτ' ἐρῶς· λιμὸς φάρμακον οἶον ἔχει.
 ἢ δὲ πάρος σε καλεῦσα μύρον καὶ τερπνὸν Ἄδωνιν
 Μηνοφίλα νῦν σου τοῦνομα πυνθάνεται·
 “Τίς πόθεν εἶς ἀνδρῶν; πόθι τοι πτόλις;” ἢ μόλις ἔγνωσ
 τοῦτ' ἔπος, ὡς οὐδεὶς οὐδὲν ἔχοντι φίλος.

Tu foste amado, Sosícrates,
 quando rico. Pobre agora
 não amas mais. Fome à porta -
 sai o amor pela janela.

Menófila, aquela que ontem
 te chamava por Adônis
 sedutor e perfumado,
 hoje te interroga o nome:

“Ora, quem és? De que família
 e pátria?” Certo, aprendeste
 penosamente o provérbio:
 “Sem dinheiro nada feito.”

Epigrama 127, Marco Argentário

Παρθένον Ἀλκίπην ἐφίλουν μέγα, καί ποτε πείσας
 αὐτὴν λαθριδίως εἶχον ἐπὶ κλισίῃ.
 ἀμφοτέρων δὲ στέρνον ἐπάλλετο, μή τις ἐπέλθῃ,
 μή τις ἴδῃ τὰ πόθων κρυπτὰ περισσότερον.
 μητέρα δ' οὐκ ἔλαθεν κείνης λάλον· ἀλλ' ἐσιδοῦσα
 ἔξαπίνης· “Ἐρμῆς κοινός,” ἔφη, “θύγατερ.”

Amava a virgem Alcipe
 e um dia, após persuadi-la,
 de maneira mui discreta
 em seu leito a possuí.

Nossos peitos palpitavam,
 temendo que alguém chegasse,
 temendo que intruso visse
 os segredos da paixão.

Os seus gemidos, contudo,
 foram ouvidos p'la mãe
 que nos flagrou de repente
 e disse: “Meio a meio, filha”.

Epigrama 85, Asclepiádes

Φεΐδη παρθενίης· καὶ τί πλέον; οὐ γὰρ ἐς Ἄϊδην
 ἔλθοῦσ' εὐρήσεις τὸν φιλέοντα, κόρη.
 ἐν ζωῶσι τὰ τερπνὰ τὰ Κύπριδος· ἐν δ' Ἀχέροντι
 ὅστέα καὶ σποδιή, παρθένε, κεισόμεθα.

Preservas a virgindade.
 Mas o que ganhas, menina?
 Quando chegares ao Hades,
 não hás-de encontrar amantes.

Entre os vivos as delícias
 da Cípria. Lá no Aqueronte,
 oh virgem, nós jazeremos
 apenas ossos e pó.

Epigrama 55, Dioscórides

Δωρίδα τὴν ῥοδόπυγον ὑπὲρ λεχέων διατεΐνας
 ἄνθεσιν ἐν χλοεροῖς ἀθάνατος γέγονα.
 ἢ γὰρ ὑπερφύεσσι μέσον διαβάσά με ποσσὶν
 ἦνυεν ἀκλινέως τὸν Κύπριδος δόλιχον,
 ὄμμασι νωθρὰ βλέπουσα· τὰ δ' ἠύτε πνεύματι φύλλα,
 ἀμφισαλευομένης ἔτρεμε πορφύρεα,
 μέχρις ἀπεσπείσθη λευκὸν μένος ἀμφοτέροισιν,
 καὶ Δωρίς παρέτοις ἐξεχύθη μέλεσι.

Dóris, a de róseas nádegas,
 por sobre o leito estendi.
 E ali, entre flores frescas,
 eu me tornei imortal.

A conduzir-me entre as pernas
 maravilhosas, cumpriu
 sem hesitar um momento
 o longo curso da Cípria,

fitando-me com lascívia;
 os seus olhos cintilavam
 e como folhas ao vento
 fremiam com seus meneios -

até que uma branca seiva
 foi vertida por nós dois,
 e Dóris, com o corpo exangue,
 estirou-se enlanguescida.

*Trad. de Luiz Carlos André Mangia Silva
lisidique@ig.com.br
Universidade Estadual de São Paulo (Araraquara)*

*Fonte: PATON, W. R. The Greek Anthology. Volume IV.
Cambridge-London: Harvard University Press, 1999.*

Referências bibliográficas

- DEZOTTI, J. D. *O epigrama latino e sua expressão vernácula*. 1990. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GOW, A. S. F., PAGE, D. L. *The Greek Anthology: Hellenistic epigrams*. 2 volumes. Cambridge: Cambridge University Press, 1965. (Com texto grego, sem tradução)
- _____. *The Greek Anthology: The Garland of Philip and some contemporary epigrams*. 2 volumes. Cambridge: Cambridge University Press, 1968. (Com texto grego e tradução inglesa)
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de M. O. Mendes. Edição de A. M. Rodrigues. São Paulo: Ars Poética/Editora da USP, 2000.
- PADUANO, G. *Antologia Palatina: Epigrammi Erotici*. Rizzoli: Milão, 1989. (Com texto grego e tradução italiana)
- PATON, W. R. *The Greek Anthology*. Volume IV. Cambridge-London: Harvard University Press, 1999. (Com texto grego e tradução inglesa)
- WALTZ, P. *Anthologie Grecque: Anthologie Palatine*. Volume II. Paris: Les Belles Lettres, 1960. (Com texto grego e tradução francesa)